

Desafios postos à docência universitária: a relação entre a Psicologia e a Educação como interlocutora de (trans)formação pessoal e coletiva dos sujeitos

Challenges for university teaching: the relationship between psychology and education as interlocutor of the subjects (trans) personal and collective training

Profa. Dra. Solange M. O. Magalhães¹

¹ Programa de Pós-Graduação em Educação/Faculdade de Educação/ Membro da Redecentro - Rede de Pesquisadores sobre Professores do Centro-Oeste, Universidade Federal de Goiás. E-mail: solufg@hotmail.com.

Submetido em 26/10/2015
Revisado em 26/10/2015
Aprovado em 02/11/2015

Resumo: A Psicologia Educacional é uma das disciplinas da formação acadêmica dos professores, mostra-se uma área de pesquisa com implicações para a aprendizagem e para a docência universitária. Em relação com a educação, o ensino de psicologia possibilita a compreensão da complexa tarefa educacional e sociocultural. Entretanto, os professores precisam ter uma perspectiva psicológica útil para poderem fazer o melhor do conteúdo em sua prática docente. Nesse sentido, está posto um desafio ao campo da docência universitária: diligenciar entre os estudantes o entendimento da existência de interconexões entre sujeito e objeto do conhecimento, através da compreensão de que os conteúdos de natureza afetiva podem ser elevados à categoria de objetos de conhecimento, dando-lhes, assim, existência cognitiva para suas vidas, da mesma forma que a biologia e a matemática são vistas como objetos de conhecimento a serem aprendidos. Essa reflexão representa uma atitude inovadora no campo da formação, marca a busca da valorização do conteúdo da psicologia da Educação, com o objetivo de promover a (trans)formação dos sujeitos pessoal e coletivamente.

Palavras chave: Psicologia. Educação. Docência Universitária

Abstract: The Educational Psychology is one of the academic disciplines of teachers, it shows an area of research with implications for learning and university education. With regard to education, the teaching of psychology enables understanding of complex educational task in the classroom and in the socio-cultural context. With regard to education, the teaching of psychology enables understanding of complex educational and socio-cultural task. However, teachers need to understand the psychological knowledge as useful to improve the content of their teaching practice. In this sense, it is placed a challenge for university teaching: promoting understanding of the existence of interconnections between the subject and the object of knowledge, through understanding the emotional nature can be understood as an object of knowledge, giving them thus an new cognitively in their lives, such as biology and mathematics can be seen as objects of knowledge. This reflection is an innovative approach in the field of training, it marks the search for enhancement of educational psychology content and is intended to (trans) formation of personal subjects and collectively.

Keywords: Psychology. Education. University teaching.

Problematização

A relação entre a Psicologia e a Educação apresenta alguns pontos fundamentais relacionados às questões da aprendizagem e do desenvolvimento humano (cognitivo, afetivo, social, moral, etc.), o que torna sua discussão historicamente importante na compreensão do fenômeno educativo. A Psicologia tem sido fonte de conhecimento importante para a educação ao longo da história, e sistematicamente tem mantido uma profunda relação com o campo da docência universitária.

Essa relação não é linearmente harmônica, caracteriza-se, na maior parte das vezes, por ser uma relação assimétrica, relacionada a momentos históricos que envolvem disputas sociais e políticas. Inclusive, a Psicologia contribuiu, em muitas situações, para validar posições ideológicas que serviram à marginalização de grande parte das populações em função de classe socioeconômica, etnia, e grupo cultural.

Isso parece contraditório, uma vez que a Psicologia, ao longo da história, tem se proposto a ajudar responder os problemas complexos da educação. Nesse sentido, se faz necessário considerar as condições históricas e culturais em que o conhecimento psicológico tem sido produzido, o que esclarece o porquê essa relação entre Educação e Psicologia, que foi consolidada no quadro da ideologia liberal, até hoje, em seus vários ramos, pensa os problemas sociais como problemas individuais.

Entende-se que num contexto onde impera a ideologia neoliberal, o sujeito precisa aprender a adaptar-se aos valores e às normas vigentes na sociedade de classes. Isso implica uma concepção de educação que tem por função preparar os sujeitos para o desempenho de determinados papéis sociais, também pensados mediante as estruturas de classe. Como a psicologia emergiu nesse contexto, ou seja, de afirmação do capitalismo sob a influência do liberalismo, muitas de suas produções deram-se a partir da visão liberal de homem. A ênfase dada pelo campo foi centrada no indivíduo e na sua

individualidade, desprezando-se o determinante social, ou seja, o fenômeno psicológico é visto de forma abstrata e naturalizante (Bock, 2000).

Nessa perspectiva, houve a naturalização de uma concepção de homem cuja função é servir aos interesses da ideologia dominante, assim sendo, pode-se entender que esse homem não era compreendido a partir de sua realidade social e cultural.

A Psicologia passou a desconsiderar o homem em sua concreticidade, como ser histórico que, através do seu trabalho, transforma a natureza, ao mesmo tempo em que transforma a si mesmo. Desconsidera-se que “a individualidade é forjada nas relações sociais que o homem estabelece no seio da classe social a que pertence e no momento histórico em que vive” (Goulart, 1989, p. 38).

Larocca (1999) e Guerra (2000) estruturaram uma crítica ao ensino da psicologia no campo da formação de professores. Para elas, há certo psicologismo para o qual o sujeito não pode ser anunciado compreendido sem se levar em conta suas condições históricas e culturais. Esse aspecto, decorrente da perspectiva liberal, resulta na perda de prestígio do ensino de psicologia como fundamento da educação.

As denúncias ao psicologismo na educação estão postas e contextualizadas na literatura disponível desde a década de 1980, muito embora, não se possa, de modo algum, subtrair a importância do conhecimento psicológico para a educação. É na discussão dos limites dessa relação entre Psicologia e Educação e do próprio ensino de psicologia que Larocca (1999) e Guerra (2000) reforçam que a perspectiva de melhoria da educação não passa pela solução psicológica exclusivamente, mas pela compreensão dos condicionantes do momento histórico e da realidade sociocultural em que se insere a prática pedagógica e seus sujeitos. As autoras afirmam que nessa análise deve-se envolver a Filosofia, Biologia, Sociologia, entre outras do conhecimento que dão suporte a Educação.

Essa postura reconhece que cada área do conhecimento tem limites e que para compreender os processos educativos do ser humano é necessária a interdisciplinaridade. Dessa forma, novas relações podem ser construídas entre as áreas do conhecimento e a Educação. Quanto à Psicologia da Educação, Larocca (1999) afirma que o seu potencial de contribuição define, pelo menos, dois aspectos: o primeiro advém de sua condição epistemológica, pois o conhecimento gerado no campo da Psicologia Educacional está a serviço da educação e, portanto, não pode deixar de fortalecer sua *episteme* e nem pode ignorar sua responsabilidade social. O segundo, do fato de que este conhecimento deve servir à Educação (como prática social multifacetada), colocando-a no centro das análises e definindo, portanto, o seu papel na construção de um projeto social.

Portanto, para superar a representação de um ensino de psicologia compreendido como uma prática instrumental, utiliza-se nesta reflexão a definição de Anastasiou (2009), para pensa-lo como ato de ensinar e apreender que se constitui num processo de mútua determinação, ou seja, um processo de ensinagem. O processo de ensinagem em psicologia passa a ser desenvolvido com a seguinte metodologia, um

[...] o ensinar e o apreender, visando à formação de profissionais capazes de atuar dentro de determinada realidade [...] é uma ação profissional que se dá num contexto de realidade adversa, em mudança rápida e complexidade crescente, exigindo capacidade de atualização constante e comportamento de abertura e investigação do novo e das soluções necessárias, aos diversos contextos (Anastasiou, 2009, p. 152).

Tratando-se dos conhecimentos psicológicos e sua utilização para a compreensão dos fenômenos educativos, torna-se, de fato essencial, a superação do psicologismo na educação. O ensino de psicologia é aqui compreendido como ato intencional, torna-se, assim, ato profissional efetivado por aqueles que professam e exercem a docência como mediadores

do conhecimento psicológico na aprendizagem dos estudantes, encarando os desafios próprios do curso na qual atuam.

A questão principal é entender em que sentido a Psicologia da Educação serve para ajudar a melhorar a prática pedagógica ou, mais amplamente, como pode ajudar a compreender a complexidade do campo da docência universitária? Tentando responder a pergunta, pode-se dizer que a contribuição da Psicologia para a compreensão do campo da docência universitária reside na possibilidade de a primeira oferecer elementos para análise da segunda. A Psicologia, juntamente com as demais áreas do conhecimento, pode ajudar na compreensão da complexidade da prática educativa.

Destaca-se que a docência universitária apresenta-se cada vez mais complexa, considerando-se as condições de trabalho do professor, pessoas e situações as mais diversas, exigindo um conjunto de conhecimentos inter-relacionados que ajude a estruturar uma docência distante das relações de dominação que se inscrevem na sociedade cindida em classes antagônicas (Larocca, 1999, p. 180).

Larocca ajuda a pensar uma Psicologia para uma Educação Política e, assim como Freire e Shor (1986), mostra que é possível organizar as teorizações psicológicas para servir aos propósitos de articular teoria-prática para qualquer nível de ensino, melhorando o campo da docência universitária ao mostrar que a educação deve e pode ser contextualizada, por meio de uma perspectiva psicológica útil aos professores.

Ao compreender a Psicologia da Educação como unidade dialética de ação e reflexão, ultrapassa-se sua compreensão de fundamento apenas teórico nos cursos de formação de professores e deixa-se de vê-la como conhecimento pronto ou como conhecimento a ser dado pelo formador.

Já sabemos como formadores que as situações vivenciadas na docência universitária precisam ser pensadas e analisadas já na formação inicial, e que as

estratégias de ensinagem, conforme proposto por Anastasiou (2009), podem e devem ser utilizadas para uma aproximação entre teoria e prática, como por exemplo a metodologia da problematização, adotada como inspiradora de uma docência que pode problematizar a realidade pelo professorado.

Acreditando nos benefícios que os conhecimentos de Psicologia podem trazer para a docência universitária, é necessário apresentar aspectos que favoreçam a melhor compreensão do campo da docência universitária. A ideia é refletir sobre as possibilidades dos conteúdos da psicologia se tornarem objetos de conhecimento, de forma que estes possam proporcionar elementos para a melhoria da educação, sobretudo para aquela parcela que apresenta maiores problemas no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, entende-se que o papel do ensino de psicologia é o de oferecer subsídios para a formação do professor no sentido de contribuir na articulação entre teoria-prática e conteúdo-forma, oferecendo-lhe novos elementos de análise para a melhoria da docência universitária.

Redimensionar as atividades da Psicologia da Educação pode ajudar a possibilitar a aproximação com a realidade educativa em diálogo com as disciplinas que compõem o processo de formação do docente. Tem-se referência para essa análise em Mercuri, Batista e Soares (1999), que realizaram estudos com egressos dos cursos de licenciatura para identificarem quais seus limites e possibilidades na formação do professor. Os participantes consideraram a formação que receberam como razoavelmente adequada ou pouco adequada, uma vez que não conseguiam relacionar o conteúdo com a realidade educacional e percebiam a desvinculação entre as disciplinas de conteúdo e as disciplinas pedagógicas. Nesse sentido, a principal maneira de se repensar o ensino de Psicologia para professores é oferecer a eles a possibilidade de compreender o que se passa na situação de ensino-aprendizagem. Eles necessitam compreender que o problema não é a decisão sobre trabalhar com uma ou outra teoria, mas a possibilidade de que o

conteúdo ensinado aos professores seja capaz de alterar substancialmente o seu modo de percepção da realidade e sua atuação no campo da docência universitária.

Os professores que trabalham com o ensino de psicologia devem levar em consideração que os seus alunos trazem crenças, valores, concepções da vida cotidiana, e que esse conhecimento deve ser levado em conta como favorecedor do acesso ao saber científico. As situações de ensino não devem afastar-se da realidade, mas promover discussões sobre o contexto escolar, o que de certa forma pode favorecer a articulação do conhecimento teórico com a prática pedagógica.

A articulação do conhecimento teórico da psicologia com situações apresentadas pelos estudantes durante a docência universitária pode contribuir para que a teoria psicológica seja ressignificada para a prática educativa. Os professores precisam ver utilidade nesse conteúdo e serem capazes disso, pois quando se articula os conhecimentos teóricos da psicologia com a realidade da sala de aula, contribui-se para a formação de professores envolvidos no processo de constituição e desenvolvimento do ser humano.

Reforça-se que a Psicologia da Educação precisa promover o entendimento das questões educacionais, tornando-se objeto de investigação ajudará a analisar as perspectivas dos conteúdos e métodos psicológicos, tendo como ponto principal o retorno ao ponto de partida que é, afinal, a melhoria da docência universitária.

Analisando a experiência: o ensino de psicologia e a docência universitária

Para alterar a forma como a Psicologia da Educação trata a questão do conhecimento, é necessário priorizar o estudo de temáticas que também exige a articulação de vários saberes para a compreensão do mesmo objeto de estudo. A Psicologia parece padecer dessa capacidade, ao deixar de promover

o entendimento que se as temáticas estudadas a partir de vários ângulos são capazes de aglutinar uma multiplicidade de informações que, ao contrário, ficariam dispersas nos domínios disciplinares, como, por exemplo, o estudo da sociedade, do homem, das culturas, dos paradigmas, da subjetividade humana e suas relações com o processo ensino-aprendizagem.

Para enfrentar tal desafio, parece ser necessário rever a relação entre a Psicologia da Educação e a docência universitária. Essa relação tem estado à nossa volta como tema de pesquisa sobre práticas pedagógicas inovadoras no ensino superior. A pesquisa procura analisar o conteúdo programático da disciplina Psicologia Educacional, sua proposta de formação, o modo como o conteúdo é ministrado, o estudo e discussão sobre o processo ensino-aprendizagem e o desenvolvimento humano, e ainda, visa à elaboração e prática de atividades pedagógicas inovadoras no campo da docência universitária.

No geral a pesquisa utiliza-se de uma abordagem qualitativa e o tipo de pesquisa desenvolvido é o estudo de caso. Para exemplificar a metodologia proposta e o trabalho desenvolvido, apresenta-se uma prática pedagógica desenvolvida no ensino de psicologia. Num “primeiro momento”, com professores cursistas de pós-graduação em educação (mestrado e doutorado), na disciplina “Docência Universitária”, foi instigada à reflexão, discussão e construção de referenciais que sustentassem a transformação do pensar e das práticas pedagógicas na Educação Superior.

O objetivo maior foi promover o processo de (trans)formação dos alunos professores, revitalizando uma formação que se propõe uma docência universitária unificadora e inovadora. As perguntas que nortearam esse momento foram: como seriam as mudanças para inovar no campo da docência universitária? O que elas exigiriam? Mudar exige rever o paradigma educacional assumido? Uma nova forma de educar poderia contribuir de

forma diferenciada com a formação humana, sobretudo no campo da psicologia educacional?

A problematização teve a finalidade de desencadear a articulação e o envolvimento dos alunos professores. Logo após, apresentou-se uma série de textos cujos referenciais ligavam-se às abordagens inovadoras no campo da docência universitária. O objetivo foi oferecer subsídios teórico-metodológicos para que os alunos pudessem perceber e ultrapassar ações docentes conservadoras. Sustentou-se, assim, a discussão sobre a possível superação da reprodução do conhecimento, desencadeando-se um processo de posicionamento crítico sobre a atual docência universitária e, mais especificamente com alguns cursistas, o ensino tradicional de psicologia.

As leituras, as discussões e os posicionamentos levaram à caracterização do paradigma que os professores atuavam, muito embora esses passos tenham ocorrido gradualmente, os alunos tiveram a clareza de que elas se interconectavam e tinham como pressupostos essenciais facilitar a visão do todo e promover a transformação da sua prática pedagógica.

Num “segundo momento”, discutiu-se como introduzir os referenciais estudados no campo da docência de psicologia, quando o grupo passou a entender que, para isso, exige-se um movimento contínuo que agencia a interlocução e a integração de saberes em resposta à pressão externa de uma série de problemas não disciplinares. Beneficiados pela discussão e pelo aprofundamento teórico, os professores elaboraram práticas pedagógicas inovadoras, que seriam desenvolvidas em suas salas de aula. As experiências foram relatadas em aulas posteriores, quando se refletiu sobre o que foi possível mudar e os efeitos nos alunos, no que se refere ao processo ensino-aprendizagem.

Dentre as propostas que surgiram, descreve-se aqui o relato de uma experiência desenvolvida no ensino de Psicologia, que teve o objetivo de trabalhar aspectos subjetivos, buscando religar razão e emoção. Essa atividade

objetivou promover a percepção da existência de interconexões entre sujeito e objeto do conhecimento, através da compreensão de que os conteúdos de natureza afetiva podem ser elevados à categoria de objetos de conhecimento. A atividade pensada foi desenvolvida na disciplina Psicologia Educacional, numa Universidade Federal, com 32 estudantes do curso de Pedagogia.

No percurso da atividade, lançou-se mão de uma prática pensada para que os sujeitos pudessem considerar, ao mesmo tempo, os aspectos cognitivos e afetivos de várias situações, principalmente aqueles que apresentassem características éticas, reafirmando o papel determinante da dimensão afetiva e sensível no processo ensino-aprendizagem, bem como a importância do outro no desenvolvimento e na constituição do indivíduo.

O teor da atividade foi baseado em conteúdo programático da disciplina Psicologia Educacional – teorias do desenvolvimento humano, parte integrante do currículo formal do curso. O estudo das bases teóricas da psicologia sobre o desenvolvimento humano mostra-se como um frutífero marco de reflexão, instiga o entendimento da relação homem-subjetividade, homem-sociedade, homem-educação, sem dissociar essa reflexão dos dilemas, exigências e desafios mais amplos da vida coletiva.

O objetivo da atividade seria alcançado, teoricamente, com a compreensão de que os conteúdos de natureza afetiva podem ser elevados à categoria de objetos de conhecimento, o que lhes daria existência cognitiva para a vida dos estudantes, da mesma forma que a biologia e a matemática são vistas como objetos de conhecimento a serem aprendidos, isso ajudaria os estudantes, no futuro, a superarem suas dificuldades na resolução de problemas pessoais, interpessoais e sociais de uma maneira reflexiva, inteligente e afetiva.

A forma como a prática pedagógica foi organizada, envolvia solicitar aos estudantes que relatassem situações por eles experienciadas que lhes tivessem causado intensa tristeza ou insatisfação. Todos registraram,

individualmente, a situação recordada por meio de desenhos ou escrita, contemplando os sentimentos, pensamentos e desejos vividos naquela ocasião. Após o registro individual, aqueles que quiseram, puderam mostrar o desenho elaborado, o texto escrito e comentar sobre a situação em plenária. Depois, foi solicitado que buscassem subsídios no pensamento sociológico, filosófico, psicológico e pedagógico que os auxiliassem na elaboração individual de novas soluções para o conflito apresentado, com o objetivo de levá-los a refletir sobre a forma como haviam atuado no passado e como atuariam hoje, caso revivessem o mesmo conflito.

A atividade ajudou os estudantes na tomada de consciência sobre as questões abordadas, assim como os auxiliou a expressar e controlar os próprios sentimentos, um dos aspectos mais difíceis na resolução de problemas. Após apresentação de várias problemáticas pessoais, foi possível, a cada um, a visão do todo envolvido na discussão, perceberam que seus problemas emocionais não eram únicos, nem os maiores. Os colegas também tinham transtornos emocionais e, em alguns casos, os problemas apresentados mostravam-se maiores e mais intensos.

O próximo passo foi à elaboração de soluções de diferentes naturezas pelo grupo, apoiada em vários saberes, para situações conflituosas apresentadas como: atuação no combate à violência social, na família e de natureza psicológica, entendimento pessoal sobre a separação familiar, superação da desagregação familiar e de morte em família, modificação das situações que geraram pânico e medo, a própria impotência, tristeza, depressão frente a conflitos interpessoais, dentre outras. Os estudantes escreveram e desenharam as estratégias de atuação ante o conflito vivido e, em plenária, os que quiseram, refletiram, apresentaram e receberam questionamentos quanto à eficácia ou não das soluções elaboradas, bem como dos sentimentos, valores e pensamentos subjacentes a cada uma delas.

A vivência do processo envolveu colaboração, trabalho individual e coletivo, solidariedade, respeito às angústias, aos erros, e marcaram gradativamente as conquistas do grupo, as quais foram aflorando e mostrando que os estudantes/grupo ampliavam sua consciência sobre o problema apresentado, ao mesmo tempo em que relacionavam a reflexão à realidade que o cercavam.

A experiência mostra que é possível gerar condições para propiciar o desenvolvimento de características que serão exigidas nas futuras práticas dos docentes, como: reflexividade, flexibilidade, criticidade, criatividade, autonomia, raciocínio lógico, afetivo, resiliência e espírito de investigação. Entende-se que a atividade promoveu a integração de um novo fluxo de ser, de saber, de conhecer, de sentir, de fazer, de conviver, de sensibilizar-se, e aprender a participar, na prática do ensino de psicologia. Os estudantes relataram isso. Alguns assumiram que seus sentimentos e medos haviam mudado depois das discussões e que passaram a perceber que seus problemas mostravam-se infinitamente menores e menos fantasiosos do que imaginavam antes da atividade.

Até onde se pode chegar a partir dessas reflexões...

Os pressupostos psicológicos indicam que o ensino de psicologia é um processo que acaba envolvendo as pessoas em círculos de reflexão sobre a vida, o que acaba religando as pessoas através do coletivo. A validade da proposta descrita não se resumiu apenas na integração de disciplinas, mas, sobretudo, nas relações entre os envolvidos no processo – professor e alunos. Pensa-se que essa relação, quando formatada como docência tradicional, evidência a distância entre o ensino de Psicologia ou os conteúdos da Psicologia da Educação e a complexidade do processo educacional, pois se mostra prática de treinamento dos futuros professores, e se aproxima do

processo de aprender como foco de simples ações, através de diferentes estratégias, (re)conhecimentos e descobertas.

Em outras palavras, o processo refletido, aqui compreendido como transformação do conhecimento da psicologia numa forma útil e de fácil compreensão para os alunos, mostra ser possível proporcionar diversas formas de *feedback* aos estudantes para que eles possam construir os conhecimentos por meio de ações sobre o objeto, o que otimizará a própria aprendizagem dos conteúdos da Psicologia da Educação.

Houve resistências no processo, mas essas foram trabalhadas no grupo, o que gerou o entendimento de que as resistências eram fruto de uma representação ancorada numa perspectiva tradicional de educação, ou seja, a sala de aula não é espaço de discussões que envolvam questões emocionais. Gradativamente, os estudantes envolvidos no processo, foram compreendendo que a atividade demandava novas formas de pensar e proceder, e essas permitiam a interligação entre a razão e a emoção.

Não se pode negar que houve um processo de aceitação e cooperação entre todos. Foram estabelecidas várias negociações que exigiram o entendimento das diferenças e tolerância nas relações. O processo também envolve regulação, autoprodução e auto-organização, os estudantes relataram que lhes foi necessário compreenderem não só os outros parceiros e suas dificuldades, mas também sua própria dificuldade relacionada às questões afetivas para poder resolvê-las, o que mostrou que os conteúdos psicológicos podem se tornar objetos de conhecimento e estudo (Magalhães, 2011).

Ainda, se faz necessário esclarecer que, apesar deste artigo apresentar um relato linear, esta forma de escrever/dialogar é apenas um recurso didático a mais. Que fique claro que é em constante interconexão que os diferentes aspectos, sobretudo os subjetivos, expressaram-se na atividade proposta. Ao se colocar a reflexão sobre a questão: conteúdos de natureza afetiva podem ser elevados à categoria de objetos de conhecimento?, apreende-se que essa

simples pergunta aguçou muito o espírito cartesiano de cada aluno, em razão dos princípios positivistas implícitos na mentalidade de cada um. Entretanto, também foi possível perceber que os alunos deram crédito à reflexão proposta e tentaram escapar do processo, que subtrai a sua própria subjetividade do processo, acaba despersonalizando-os, pois homogeneiza ao priorizar a razão e a memória, o que também significa superar orientações objetivas, racionalistas, uniformizantes, e suas nocividades na formação dos sujeitos.

Esse é mais um desafio para o campo da formação e posteriormente para o campo da docência universitária. Primeiro, se faz necessário promover um ensino de Psicologia que diligencia novas abordagens no processo de construção do conhecimento, para, segundo, poder promover o entendimento que o ser humano aprende tendo por base conhecimentos estruturados, mas não apenas conhecimentos objetivos, também, sensações, emoções e intuições. Otimistamente, acredita-se que esse desafio precisa inovar e percorrer novos caminhos rumo à superação da dicotomia instituída pela razão cartesiana no campo da docência.

A atividade proposta ajudou a perceber que os estudantes estavam dialogando com o conhecimento psicológico e sua realidade, (re)significando o que era expressivo para suas vidas. Logo, é possível, em determinados casos, trabalhar os conteúdos de natureza afetiva como objetos de conhecimento. Pode-se ajudar os sujeitos a tornarem-se capazes de gerenciar diversas tensões no processo, o que também possibilita a compreensão global e multidimensional das situações de mediação, ao atravessar as dimensões subjetivas (emocionalidade, sensibilidade, corporeidade, cognições, valores) do sujeito.

Certamente, a mudança no campo do ensino de psicologia exige refletir sobre seu campo epistêmico e sua importância para a educação, para ressignificar o conhecer, o ser, o conviver, e o aprender a aprender no campo da formação docente. O ensino de psicologia pode oferecer novas formas de

(re)conectar-se ao que está separado, desprezado, isolado, a novos saberes e sabedorias, por permitir a interferência de valores humanos e espirituais, bem como qualquer variável relacionada à subjetividade. Isso desobriga os formadores a optarem por concepções de docência cartesianas, que necessariamente separa matéria e espírito, substância e forma, análise e síntese, mecânica e orgânica, determinismo e acaso, unidade e pluralidade, permanência e mudança, aparência e essência, acerto e erro, e assim passar a otimizar importantes interlocuções no estudo do homem e suas relações no processo ensino-aprendizagem.

Epistemologicamente, percebe-se que os desafios postos à docência universitária também envolvem refletir e entender a relação entre a Psicologia e a Educação, como interlocutora de (trans)formação pessoal e coletiva dos sujeitos. Por certo, trata-se de inovar no campo da docência universitária, buscando-se partilhar um saber que se constitui unido e que religa as dimensões humanas. Nesse sentido, ajuda os sujeitos a se perceberem como sujeitos em sua integralidade, sem eliminar seu pensamento, sua emoção, sua episteme, seu conteúdo, sua alma, suas emoções. O campo da psicologia, em interlocução com a docência universitária, pode ajudar professores e seus alunos a se reconhecerem como “seres humanos especiais” em complexa formação.

Referências

ANASTASIOU, Léa das Graças C. Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem. In ANASTASIOU, Léa das Graças C. e ALVES, Leonir Pessate. **Processos de ensinagem na universidade**. Joinville, SC: Editora Univille, 2009.

BOCK, Ana M. B. As influências do Barão de Münchhausen na Psicologia da Educação. In: TANAMACHI, E. de R.; PROENÇA, M.; ROCHA, M. L. da. (orgs). **Psicologia e Educação: desafios teóricos-práticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Trad.: Adriana Lopes. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GOULART, Íris. B. Psicologia da Educação: considerações sobre seu papel e alternativas para sua abordagem. **Educação Revista**, Belo Horizonte, nº 10, p. 37-41, dez, 1989.

GUERRA, T. C. Conhecimento psicológico e formação de professores. In: AZZI, R. G.; BATISTA, S. H. de.; SADALLA, A. M. F. de A. (Org.). **Formação de professores: discutindo o ensino de psicologia**. Campinas, SP: Alínea, 2000.

LAROCCA, Priscila. **Psicologia na formação docente**. Campinas: Alínea, 1999.

MAGALHÃES, Solange M. O. Educação transdisciplinar: promovendo mais sensibilidade às nossas experiências e às experiências dos nossos educandos. **Educere et Educare - Revista de Educação**, v. 6, n. 11, 2011.

MERCURI, Elisabeth N. G. Silva; BATISTA, Sylvia Helena.; SOARES, Celia L. O Ensino de psicologia na licenciatura: o ponto de vista de egressos de uma universidade pública. Reunião Anual de Psicologia, 29. Campinas, 1999. In: **Anais da Sociedade Brasileira de Psicologia**. p. 137, out. 1999.